

## O TEMPO QUE FALTA<sup>1</sup>

Colette Soler  
EPFCL-França

Freud anunciou: o inconsciente não conhece o tempo. Não obstante, é evidente que em psicanálise se «precisa de tempo»<sup>2</sup>. Este contraste deveria convidar-nos a retomar o estudo do conceito de inconsciente, como Lacan o fez até o fim e, em particular, no fim. Entretanto, a elaboração do inconsciente sob transferência em uma análise não poderia ser dissociada do tempo. Começo a partir daí.

O tempo necessário parece geralmente muito longo, demasiadamente longo. Impaciência natural? Estranha também, pois ela existiu desde o início, quando a duração das análises ainda não era contada em anos. Qual não terá sido o desassossego mais profundo no momento em que Freud decidia anunciar aos seus primeiros pacientes que a análise lhes exigiria muitos meses de sacrifício! A questão não é de hoje: por que é preciso tanto tempo? Muito mais do que se gostaria, isto é certo. Muito mais do que o necessário para contar sua pequena história, ou mesmo para decifrar o sintoma, em geral, mais, ainda. Por que esse tempo a mais?

Para que o processo de análise venha a constituir uma seqüência finita, vários modos de temporalidade são requisitados. Há o tempo próprio da associação livre, dos pensamentos colocados em série; em seguida, há o «tempo lógico», que é diferente, pois é o tempo necessário para produzir uma conclusão a partir do que não é sabido. E há também a questão de saber se o tempo lógico esgota o tempo real da seqüência analítica, já que existe ainda o tempo das inércias de transferência, não totalmente regido pela lógica.

### O tempo da associação livre

A temporalidade própria da associação livre é mais a de uma série que a de uma seqüência, na medida em que, por definição, a palavra analisante se apresenta como um rosário de enunciados que põe os ditos em série. Série virtualmente tão infinita quanto a dos números inteiros, embora dure apenas um determinado tempo; é sempre possível emitir mais um enunciado. A fórmula inversa também é

---

<sup>1</sup> Nova versão de um texto redigido em seguida a uma conferência pronunciada na EOL. Buenos Aires, setembro de 1993.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. Radiofonia. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.425.

aceitável: há sempre um enunciado que falta. O analisando tem freqüentemente o sentimento de que diz sempre a mesma coisa, mas sua repetição não contraria a estrutura de série cujo fim é inacessível. De acordo com algumas indicações de Lacan, podemos escrevê-la simbolizando seus enunciados por meio dos uns:  $(1,1,1 \dots (-1))$  ou reduzindo a série dos enunciados a um único elemento:  $(1 \dots (-1))$ . O problema da conclusão da análise é precisamente saber se e como passamos da série associativa potencialmente interminável para uma seqüência finita, distinta, portanto, de uma série simplesmente interrompida. Em outras palavras, de uma estrutura de sucessão que não inclui o termo conclusivo para uma estrutura de sucessão que produz o termo que a conclui.

A associação livre como série tem a mesma estrutura da série dos números inteiros, sem considerar, é claro, que esta última é absolutamente determinada pela lei do sucessor. Nenhuma lei preside a produção dos enunciados que o analisando põe em associação, é o que geralmente acontece, mas, apesar do nome, sabemos que a série associativa não é livre. O artifício que convida o analisando a dizer tudo, e também a dizer qualquer pensamento que lhe ocorra, desvela, para quem se põe à prova, uma constrição associativa que o faz experimentar a impossibilidade de dizer qualquer coisa. O discurso pulverulento só é acessível ao sujeito fora-do-discurso, único a entrar como mestre « na cidade do discurso »<sup>3</sup>, ao passo que o neurótico se instala como escravo, submetido à cadeia cuja causa é justamente aquilo que ele interroga.

Infinita e parcialmente determinada, a série não é qualquer uma: ela promove a significação do sujeito suposto saber. Isto quer dizer que ela tem um ponto de entrada bem delimitado e que podemos identificá-lo com o ao-menos-um, escrito acima, ao término da série. Este é o próprio sujeito, referente inacessível ao significante, que, se puder representá-lo, será equivalente ao conjunto vazio. É ele que se afirma na entrada da série associativa sob a forma clínica muito simples, que Lacan designou primeiramente como questão do sujeito, e que reconhecemos cada vez que evocamos a necessária histerização da entrada. A questão que interroga o sintoma com « o que isso quer dizer? » ou « o que há? » situa o ao-menos-um, desde a partida, como o zero antes do um. Ela convoca o conjunto de enunciados que serão produzidos em posição de saber resolver o enigma e condiciona a sucessão da série associativa, mediante a qual se distingue de todos os

---

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. O ato psicanalítico: Resumo do seminário de 1967-1968. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p. 375.

testes, também chamados de associação livre. Com efeito, a série obedece, como tal, ao tempo amorfo da pura reiteração de uma diferença homogênea, enquanto a seqüência anima um tempo não homogêneo, estendido entre antecipação e retroação. Por isso, acionar a significação do sujeito suposto saber na entrada de uma psicanálise tem o efeito de captar o sujeito analisando na temporalidade seqüencial dos pontos de basta, a qual, inicialmente, lhe dissimula o *automaton* da recorrência do ao-menos-um.

De fato, a série de enunciados do analisando é uma série de seqüências. Podemos escrever cada um desses enunciados como um, mas, como observou Lacan, há diversos tipos de uns. O um do significante puro, asemântico, que não copula com nenhum outro, distingue-se da unidade sintática em que consiste a frase. Esta é uma cadeia, que pode ser simbolizada de forma reduzida por dois significantes ( $S1 \text{ ---->} S2$ ) e que produz outra unidade, a unidade semântica de significação. Assim, o sujeito que profere « eu não me sinto filho de meu pai » - exemplo que acabou de me ocorrer - produz a estrutura mínima de seqüência que é o ponto de basta onde o eu tenta se determinar numa estagnação significativa:  $S1 \text{ ---->} S2$ . A unidade semântica assim produzida pode ser simbolizada por um « um » que, por sua vez, pode ser combinado:

$$\begin{array}{l} (S1 \text{ ---->} S2) \\ (1 \text{ ----->} S2') \\ (1 \text{ ----->} S2'') \\ (1 \text{ ----->} \dots (-1)) \end{array}$$

Desde então a transferência como endereçamento ao suposto saber é « uma relação essencialmente ligada ao tempo » <sup>4</sup> e a experiência analisante, ordenada pela retroação das seqüências significantes, movimenta-se entre uma espera e uma retrospectção de transferência. O modo gramatical do futuro anterior<sup>5</sup> é o que melhor o exprime; em virtude do qual, no fim, ele ou ela terá sido aquele ou aquela que... Esse tempo engendra afetos específicos que conferem aos dinamismos o aspecto erótico de retornos da libido, a paixão do significante manifestando-se como paixão do tempo. A busca analisante se faz esperança, às vezes exaltada, mas também receio, idéia fixa ou mesmo renúncia antecipada. As nuances, que especificam cada caso, têm sua importância na entrada em análise. É diferente entrar pela confiança em ganhar ou pelo receio da

<sup>4</sup> LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.858.

<sup>5</sup> Em português corresponde ao futuro composto do modo indicativo.

descoberta, pois são índices da posição do sujeito em relação ao saber inconsciente que o constitui. Tampouco faltam os afetos de retrospectiva: nostalgia, sem dúvida, porém mais ou menos colorida de arrependimento, ou mesmo de remorso. A elaboração de transferência oscila necessariamente entre o entusiasmo da expectativa e o sentimento de uma impotência recorrente para encontrar a última palavra. É certo que aí se acrescentam os « eureka » da descoberta, quando se abre uma nesga de verdade.

Não obstante, o tempo da retroação significativa não é característico do analisando. É da ordem do universal para o « ser falante » advir em um presente desde logo passado, pois as promessas do futuro só dependem dos veredictos daquilo que passou, ao preço da esquivo do presente. O resultado é que, para cada um, mesmo para as « vidas minúsculas », a vida se julga do ponto de vista da morte, ponto de basta supremo. Ao subtrair todas as promessas, ele faz prevalecer o futuro anterior de um julgamento final que se abstém do deus da revelação. Ora, a psicanálise não visa ao universal no sujeito, mas, antes, à particularidade do posicionamento de cada um na estrutura. Portanto, o que importa não é a fenomenologia universal, justamente ao contrário, é sua singularidade. É ela que, mediante o « manejo do tempo »<sup>6</sup>, permite levar a transferência a trabalhar para produzir a resposta esperada. Variam os modos de resposta, mas eles se distribuem segundo os tipos clínicos, pois o sintoma, em sua consistência, coloca o sujeito no presente, até mesmo no presente contínuo de « o que não cessa » de sofrer, apesar do consentimento e do desprazer, e podemos constatar que cada tipo clínico acentua uma modalidade temporal específica, que representa um desvio da estrutura universal do tempo da cadeia.

### O tempo sintomático

Há o modo obsessivo do tempo seqüencial. Ao deixar de lado o *automaton* das compulsões, o sujeito se determina na antecipação sempre atualizada do ponto de retroação último. Neste sentido, seu relógio adianta, ao contrário do que se acredita, em decorrência de sua freqüente procrastinação. É um erro baseado na confusão entre o sujeito e a pessoa. Embora o relógio do sujeito esteja adiantado, não é isto que decide seu comportamento: conforme o caso ou o momento, ora são os atrasos da deliberação, ora o adiantamento da precipitação do ato. Nem um nem o outro impedirão que o sujeito, sempre

---

<sup>6</sup> Id. , loc. Cit.

previamente prometido ao « olhar da morte »<sup>7</sup>, apreenda-se em um tempo concluído, que esvazia ainda mais um presente universalmente evanescente. Pela operação da antecipação que consome as núpcias, digamos platônicas, do sujeito e da morte, a agudeza do encontro é conjurada. Vejam o “Homem dos ratos”, de Freud. Embora firmemente ereto sob o olho eterno, mantém-se na realidade entre duas mulheres: a filha do albergue, a servente para a necessidade sexual, e a dama pobre da escolha impossível, com quem tece devaneios e fantasmas. Mas o inconsciente já suscitou a terceira, a suposta filha de Freud que, com « seus olhos de betume »<sup>8</sup>, paralisa-o sob o olhar da morte.

O histérico, ao contrário, inscreve-se em um « ainda não » que vive de esperança. Aqui, o sujeito não está na hora da morte, ele espera a hora da verdade. Esta, porém, « se recusa mais freqüentemente do que na sua vez »<sup>9</sup> e, sem satisfazer-se com o que ela diz em breves encontros, o sujeito espera... mais, ainda. Quer se esquive como objeto do gozo do Outro, quer recuse, em nome do real, o saber que invocava em seus votos, o sujeito dedica-se a um « fazer desejar » que faz dele o artesão de um suspense prolongado. Não que já esteja morto, caso do obsessivo, que a antecipação da hora derradeira não deixa esperar mais nada, ao contrário, ele espera nascer, deplorando não ser, não ser sem o Outro. Apenas um vazio, que implora. E que implora sempre, pois, na hora da verdade, se é a verdade do Outro, o sujeito se eclipsa, para remediar à sua destituição. Conforme Sócrates e sua dialética interrompida, é fato. Não é a nostalgia que prevalece aqui, mas o sonho dos amanhãs, dos alhures e do ainda não. Aspectos inteiros da existência do sujeito são por vezes relegados, não na amnésia que é diferente, mas no não-acontecido - sem contar o traumatismo, certamente. É compreensível que, para esse sujeito, a entrada em análise e o espaço de espera que ela abre caiam-lhe como uma luva. O que cobre de luto o sujeito é sobretudo o fim da análise e o que este implica de redução a um veredicto definitivo, qualquer que seja.

O fóbico se diferencia por jamais perder o rumo: nenhum relógio lhe basta, ele tem também a sua bússola, que não engana nunca, porque apenas o significante da fobia o separa da angústia. O ponto fixo de um presente demasiadamente presente do encontro com a angústia, com o « abismo temporal » que abole, em um instante quase

<sup>7</sup> LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit. , p.376.

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*, op. cit., p. 304.

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p.71.

eterno, tanto o horizonte do futuro quanto os planos do passado, serve de ponto de amarração para suas ações de fuga e comanda a geometria de seus deslocamentos – daí as metáforas espaciais que sugere. Seu relógio está sempre na hora H do real. No entanto, ele também tolera condutas de tipos contrastados: imobilidade e tempo estagnado da espreita, que pode levar à confusão com a petrificação obsessiva, ou, ao contrário, o tempo projetado da fuga para outro lugar, «avante!», como é dito, que leva à confusão com a espera histórica.

A psicose desfaz a temporalidade seqüencial em decorrência do significativo no real fora da cadeia. Que ela ataque os parâmetros temporais da realidade é aliás perceptível na eflorescência dos fenômenos ( Biswanger e a corrente da psiquiatria fenomenológica deram muita importância a isto). Ao desfazer aquilo que prende o significativo e a significação, desfaz também, conseqüentemente, a temporalidade retroativa da cadeia: alucinação verbal, fragmentação pulverulenta da esquizofrenia, infinito assintótico da realização paranóica, série de instantes justapostos na desordem a-histórica da mania, presente eternizado da melancolia, etc.

Pode-se conceber a variedade sintomática da temporalidade universal do sujeito, na medida em que o sintoma inscreve o que podemos chamar de a relação do sujeito com o real. O primeiro encontro com a realidade sexual – traumatismo, disse Freud – é inscrito pelo sintoma. Ao fazê-lo, ele o dissimula e o afasta: *proton pseudos* segundo Freud, *falsus*<sup>10</sup> segundo Lacan. É compreensível que, enquanto edifício significativo, o «envelope formal»<sup>11</sup> do sintoma inclua a diacronia da cadeia, imobilizando-a e superpondo-a na metáfora primeira do gozo. Desde então, não nos surpreende que ele entregue seu segredo na temporalidade de antecipação-retroação da cadeia que se decifra aí, e que esta temporalidade traga a marca da defesa subjetiva diante do real. Ela é tudo que está em jogo numa análise.

No entanto, foi preciso constatar que, apesar das primeiras esperanças de Freud, a elucidação do sintoma nem sempre se confundia com sua reabsorção e que esta última nunca equivalia ao desaparecimento do sintoma como um todo. Por vezes, um sintoma decifrado se mantém, como no caso do “Homem dos lobos”, por vezes um sintoma curado deixa outro em seu lugar, como no caso do “Homem dos ratos” e em muitos outros, particularmente naquele para o qual Freud introduziu a expressão *proton pseudos* em seu « Projeto para

<sup>10</sup> LACAN, Jacques. Radiofonia. In:\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p. 427.

<sup>11</sup> LACAN, Jacques. De nossos antecedentes. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*, op. cit., p.70.

uma psicologia científica ». De fato, quando a jovem atormentada pela « idéia fixa » de entrar nas lojas, com tudo o que esse termo conota de atração fascinada e de medo, tiver decifrado com Freud a cadeia que permite substituir o significante « loja » pelo significante « homem » e traduzido sua fobia em termos de idéia fixa da relação sexuada com o homem, ela não poderá mais recuar diante do verdadeiro problema. Acontece o mesmo com o “Homem dos ratos”: sua obsessão desaparece de maneira espetacular sob o efeito da decifração, mas ele permanece parceiro da morte que o espera no lugar da mulher.

Por isso, é preciso mais tempo para tratar da relação do sujeito com a causa sexual do que para decifrar o sintoma, no sentido restrito do termo. Este fato nos introduz na questão do tempo lógico em sua definição rigorosa. O tempo retroativo da cadeia pode, sem dúvida, ser chamado de o « tempo lógico », na medida em que a lógica do significante comanda seu movimento reversivo. No entanto, vamos reservar a expressão « tempo lógico » para o tempo que se necessita para concluir, apesar da incompletude do Outro, lá onde o inconsciente não sabe. Este tempo é requerido para pôr termo na série associativa infinita e para produzir o efeito retroativo que lhe permita ordenar-se em seqüência finita.

### O tempo lógico

Ter êxito em concluir, a despeito da falta de saber, foi este o problema colocado para cada um dos prisioneiros no sofisma do texto que Lacan dedica ao tempo lógico em 1945. Cada um deve deduzir sua própria cor, que não sabe qual, embora os outros dois a saibam. Lacan os designa com as letras A, B e C, sendo que A é cada um deles enquanto calcula a sua cor. Ele é capaz de calculá-la inferindo, a partir dos movimentos dos outros dois, o que eles sabem sobre a sua própria cor. Sem dúvida, não é exagero ver no saber de B e C uma espécie de antecipação da função do Outro, lugar do saber. Não obstante, além de reconhecer a incompletude deste Outro, lugar barrado onde há falta de saber,  $S(A)$ , Lacan nunca deixou de se referir ao seu tempo lógico. Ele o redefiniu em “Radiofonia” como o tempo necessário para « se dizer »<sup>12</sup>, o qual não é simplesmente o tempo que é preciso para se associar aos significantes de sua cadeia. Reviu-o novamente no seminário *Mais, ainda*, para redefini-lo como um cálculo sobre o objeto  $a$ . Ao modificar sua formulação anterior, em que cada um dos sujeitos, enquanto calculador, era nomeado A, ele acentua o saber que falta,

<sup>12</sup> LACAN, Jacques. Radiofonia. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p. 425.

designando-os doravante como “a”, já que cada um dos três intervém como objeto sob o olhar dos outros dois, na medida em que ele é “aquele que está em jogo nos pensamentos deles»<sup>13</sup>. Com efeito, toda a questão é saber como concluir onde há falta de saber, não somente para o sujeito, mas também... para o Outro. É preciso um cálculo dedutivo e, por isso, já faz anos que o evoquei, é preciso «um analisando lógico», que extraia as conseqüências de seus ditos: daquilo que se diz aí, e do fato de que sejam ditos.

Podemos localizar a diferença entre o tempo exclusivamente da associação livre e o tempo propriamente lógico na escritura do discurso analítico, pois a estática de sua estrutura não exclui que situemos nele a temporalidade da experiência. A cadeia do sujeito se coloca no andar inferior, entre a produção dos significantes mestres e o saber que inscreve a significação de verdade; ali podemos localizar o tempo das seqüências associadas. O tempo lógico, que deve concluir sobre a causa impossível de dizer, seria colocado entre os dois andares do discurso, na parte esquerda que escreve o hiato entre o saber e o ser de gozo:

$$\begin{array}{ccc} \underline{a} \text{-----} & \rightarrow & \$ \\ S2 & & S1 \end{array}$$

O ponto de basta do tempo lógico, que conclui a série sem fim dos ditos, só será conclusão se ultrapassar o impossível de saber – recalque originário, dizia Freud – por meio de um saber sobre o impossível. Isto nada tem a ver com um horizonte místico. Contrariamente ao que afirma Wittgenstein, « o inexprimível » não é o elemento místico»<sup>14</sup>. Ele não se mostra, ele se deduz, e o sujeito tem uma idéia dele a partir de sua divisão. Este é o elemento didático da análise: a lógica toma o lugar do saber faltoso para produzir, no fim, o sujeito seguro de saber<sup>15</sup> as diversas formas do impossível inscritas na estrutura. A conclusão do passe, que condiciona a travessia do que Lacan designou como momento de passe, comporta a verificação de uma impossibilidade cuja afirmação faz ponto de basta para o conjunto da série associativa. Ao impelir o saber para os limites de sua elaboração, descobre-se que ele não sabe tudo sobre o ser. Desvalorização. A castração é confirmada pela ausência de meios, e a repetição da demanda se dissolve pela percepção de sua vaidade.

<sup>13</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.p. 67.

<sup>14</sup> WITTEGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Paris: Gallimard, 1961. p. 106.

<sup>15</sup> LACAN, Jacques. O aturdido. In:\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p.489.

Assim, o sujeito verifica que, ao dizer-se mais, afirma também o que não se poderia dizer, e que o tempo para se dizer se duplica a cada passo com o tempo para que se instrua do impossível de dizer, até que este último, por ter alcançado seus fins - o sujeito instruído -, coloque um termo ao primeiro. Então, há benefício epistêmico.

Contudo, é preciso constatar que esse benefício não é senão possível e que nunca lhe é necessária a conclusão que o demonstraria dedutivamente: falta, em muitas análises, a conclusão de impossibilidade, e aquelas que a alcançam permanecem aquém da demonstração à qual a análise não se presta. Nem todas as conclusões são da mesma ordem. Quando se trata de um romance, o inesperado e a surpresa podem ter seu valor. Mas há também os desenlaces que só ocorrem em ato. No registro propriamente lógico, a conclusão parece valer por sua necessidade. No entanto, constatamos a evidência de que todas as conclusões de fim de análise não são conclusões de impossibilidade. Um sujeito pode-se precipitar para a saída por meio de um « basta ! », que representa ou a falta de esperança de obter mais ou a satisfação com as aquisições relativas à verdade e com o bem-estar que já foi alcançado. A questão é avaliar, em cada caso, a conexão determinante entre a decisão de saída e a conclusão obtida no simbólico.

### O tempo-a-mais

Surge a questão de saber que mola imprime ao tempo lógico o ritmo próprio a cada caso e, até mesmo, as suas limitações às vezes irredutíveis. Por que será preciso tanto tempo para que o sujeito se instrua sobre uma estrutura que opera durante toda a experiência, e como lhe é possível recusar-se a isto?

Em primeiro lugar, é preciso assinalar que não há conclusão puramente lógica. A incompletude, até mesmo a indecidibilidade, ambas assinalam a presença, ali onde menos se esperaria, na própria lógica matemática, do limite da ordem dedutiva: por mais necessária que pareça, toda conclusão envolve sempre um elemento de decisão, motivo pelo qual ela jamais se imporá àquele que não consente de modo algum.

Perguntemos, primeiramente, a qual categoria, do imaginário, do simbólico ou do real, pertence o tempo lógico da conclusão. Lacan levanta a questão e a responde em uma passagem de *Radiofonia*. Ao evocar o «se dizer», ele acrescenta: "o que do tempo lhe faz estofa não é um empréstimo do imaginário, mas de um têxtil em que os nós não

diriam nada senão sobre os furos que nele se encontram" <sup>16</sup>. Vemos o que está em questão: se o tempo lógico não é simplesmente idêntico àquele dos nós da significação – imaginária – então, será simplesmente de essência simbólica? A evocação do buraco poderia sugerir-lo, mas a frase, mais sutil, desliza sobre a veia homofônica, da textualidade à textura: dois termos no lugar de um só, evidentemente, não para dizer a mesma coisa, mas para desposar a complexidade da própria coisa: a deiscência invisível que, de texto a têxtil, fratura uma gemelidade aparente. Esse têxtil, se não é simplesmente de essência simbólica, sustentar-se-ia no real?

Porém, Lacan convoca um outro termo: "Esse tempo lógico não tem outro Em-si senão o que cai dali para especular com o masoquismo". Precisão sinuosa de uma frase que nega e ao mesmo tempo afirma o que nega – o em-si do tempo lógico-; sutileza de uma negação acrescentada à expressão comum « não ter...senão »: « não tem [...] senão o que »; espantosa clivagem da frase entre uma afirmação que nega – "não tem" - e uma negação que afirma « não tem... senão ». O termo masoquismo conota evidentemente o gozo e o objeto que é visado. Não é a primeira vez que Lacan evoca o em-si do objeto *a*, já o havia feito no resumo do seminário *O Ato analítico*<sup>17</sup>. Ele o extrai de Kant, evocado algumas páginas antes de maneira crítica, e de sua « Coisa-em-Si », que, assim como a Dama inacessível, "se furtaria ao conhecimento"<sup>18</sup>. O objeto *a* não é o em-si do tempo lógico, pois ele não existiria sem a cadeia simbólica de onde cai; no entanto, é o único em-si, não por permanecer tão impossível de dizer quanto o númeno de Kant seria impossível de conhecer, mas porque existe mais substancialmente. Sua substância, a única evocável aqui, é o gozo que o texto evoca um pouco depois. Se Lacan diz que o objeto é em-si, em vez de dizê-lo real, como em outras circunstâncias, é precisamente para evocar o gozo que se acrescenta ao real de sua consistência lógica.

É do « se dizer » perpetuado que o gozo "que se produz do efeito de textura" resiste eventualmente à conclusão que colocaria um termo, enquanto o sujeito só aprende ao preço da renúncia. O tempo-a-mais é a face visível do mais-de-gozar. Com efeito, precisa tempo, diz Lacan: « no ente, precisa tempo para fazer-se o ser"<sup>19</sup>. A expressão conota o ato de forçar um consentimento, a paciência para suportar, para se acostumar... ao inevitável – outro nome do impossível. Este ser, com o qual é preciso habituar-se, não vem do Outro. Ele não tem fiador

<sup>16</sup> Ibid. p. 448.

<sup>17</sup> LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In:\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p. 371-379.

<sup>18</sup> LACAN, Jacques. Radiofonia. In:\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*, op. cit., p.422.

<sup>19</sup> Id., Ibid.,p 425.

nem no saber , nem no amor. 'Fazer-se a', 'tornar-se', é separar-se das colocações em atos transferenciais que, na repetição da demanda, conectam o sujeito com o Outro por ele mesmo convocado a título de complemento de sua falta-a-ser. Pode-se produzir a queda da demanda onde o parceiro se esvaece, quando a resposta impossível do simbólico aparece pontualmente como ... a resposta, a resposta que reduz o sujeito ao ser sem Outro. Precisa ainda que ele se faça a, que venha a ser... com o tempo. Não é o tempo epistêmico. Depende menos do entendimento que de uma impensável decisão.

Não se pode comprimir o tempo da análise, pois o tempo necessário para empurrar o simbólico para a retaguarda, tempo lógico, é inseparável do tempo que é preciso para admitir e suportar o resultado. É um tempo imprevisível, cuja equação inclui o elemento incalculável de uma « insondável decisão do ser »<sup>20</sup>, conforme a expressão que Lacan utilizou há muito tempo para a psicose. A escolha de gozo está implicada nisto. Quanto à escolha do neurótico de gozar com a falta-a-ser, da qual, no entanto ele se queixa, podemos conceber que precise tempo para retificá-la. Se o fizer, será em ato: Wittgenstein tem razão quando nega até mesmo a possibilidade de « proposições éticas »<sup>21</sup>. Com efeito, não há ética declarativa. Mas, aqui como alhures, «retificando a posição da ética»<sup>22</sup>, prepara-se, não a ciência, mas a conclusão lógica sem a qual não haverá qualquer possibilidade de desejo do analista.

Tradução: Maria Vitória Bittencourt

Revisão: Vera Pollo

---

<sup>20</sup> LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*, op. cit., p. 179.

<sup>21</sup> WITTEGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*, op. cit., p. 103.

<sup>22</sup> LACAN, Jacques. Kant com Sade. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*, op. cit., p. 776.